

O TEXTO FICCIONAL E A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DOS BEBÊS

THE FICTIONAL TEXT AND THE LITERARY EXPERIENCE OF BABIES

EL TEXTO FICCIONAL Y LA EXPERIENCIA LITERARIA DE LOS BEBÉS

*Celia Abicalil Belmiro

**Mônica Correia Baptista

***Cristiene de Souza Leite Galvão

RESUMO: Investigam-se, em livros destinados a crianças de zero a dois anos, diferentes níveis de leitura que a linguagem literária possibilita. Os bebês, sujeitos produtores de cultura, criam, nas interações com os outros e com o meio, distintos mundos em diferentes tempos e espaços. Essa abstração, tão necessária e característica do texto ficcional, nem sempre está garantida em obras para essa faixa etária, o que acarreta diferenças singulares nas publicações para esse público. Assim, algumas questões orientam esse texto: Que características possuem essas obras que fazem com que sejam classificadas como destinadas a crianças de zero a dois anos? Quais desses livros poderiam receber o selo de literários? As perspectivas teóricas de Benjamin (2012), Vigostski (2009), e Golse (2007) nos ajudam a compreender as relações entre leitura e experiências afetivas e cognitivas nessa faixa etária. Bernardo (2004; 2010) redimensiona o conceito de literatura como atitude necessária para a apreensão da pluralidade de produções atuais. Hunt (2010) amplia esse conceito e auxilia a configurar as especificidades dos textos literários destinados às crianças. O *corpus* de análise foi selecionado a partir de acervo particular e procurou abranger a diversidade de produções para essa faixa etária. Os eixos de análises foram: materialidade, temática, gênero, conceito da obra. Os resultados indicam que é possível classificar livros para bebês como literários, ainda que muitas publicações destinadas a esse grupo não apresentem uma estrutura narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Crianças. Creches. Livro infantil. Avaliação da qualidade.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, houve um aumento de publicações dirigidas aos bebês (de 0 a dez meses) de editoras que estão se especializando na publicação de livros para essa faixa etária. As produções são diversificadas e abarcam livros de contos de fadas e contemporâneos, de imagens, livros pop-ups sonoros e com adereços, texturas e cheiros, livros com fantoches e com quebra-cabeça, livros de pano e de plástico e muitos outros. As propostas interlocutórias são igualmente múltiplas, o que torna mais complexo e dificulta o enquadramento desses

*Docente do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da UFMG. Pós-doutorado em Literatura Infantil (Cambridge-UK). Doutorado em Educação (UFF). Mestrado em Comunicação Social (UFRJ). E-mail: celiabicalil@gmail.com

**Docente do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (UFMG). Doutorado em Educação (Universidade Autônoma de Barcelona). Mestrado em Educação (UFMG). E-mail: monica@fae.ufmg.br

***Mestre em Educação (UFMG). Doutoranda em Educação (UFMG). E-mail: cristieneleite@outlook.com

livros dentro do conceito canônico de *literatura*.

Dessa forma, alguns questionamentos são necessários, por exemplo: podemos chamar de literários os livros destinados a bebês?; entre as publicações voltadas para crianças, quais seriam aquelas consideradas apropriadas para os bebês?; quais características teriam este tipo de literatura e em que ela se diferencia das publicações destinadas às demais crianças pequenas?; os livros para bebês e crianças bem pequenas vão ao encontro de suas particularidades ou banalizam e reduzem suas potencialidades?; quais são os gêneros discursivos presentes na produção editorial para crianças de zero a dois anos de idade?

Neste texto pretende-se apresentar as particularidades do sujeito bebê e os aspectos literários dos livros destinados a essas crianças, com o objetivo de criar categorias que, além de explicitar os gêneros discursivos dessa produção editorial, apoiem os processos de avaliação em relação à qualidade dessas obras.

O primeiro tópico aborda os bebês, sua maneira de interagir com o mundo e a relação das particularidades desses sujeitos com a gênese do leitor de literatura. O segundo procura relacionar “literatura” e “bebês” a fim de discutir a amplitude entre ficção e realidade. E, por último, algumas obras destinadas aos bebês são analisadas, com o propósito de avaliá-las do ponto de vista literário, empregando-se certas categorias.

OS BEBÊS COMO LEITORES

A forma como os bebês se apropriam do mundo ocorre predominantemente por meio de experiências corporais, ou seja, por meio da experimentação física. Por isso, podemos afirmar que é pelo corpo que se inicia a “leitura” do mundo, sendo ele o primeiro espaço de narração dos bebês. A inserção das crianças na cultura dá-se por meio de processos de significação nos quais elas veem transcodificados seus atos biológicos em eventos culturais. Essa interação entre o que os bebês experimentam corporalmente e os sentidos que a mãe ou o adulto responsável pelos cuidados da criança vai atribuindo aos gestos e sons emitidos por ela, deve ser acolhida como *locus* de experiência, de sentido e de significação.

Benjamin (2012) define a linguagem como o gesto do som e, por isso, a considera como anterior ao som. Para o filósofo, as palavras nascem do corpo e vão, aos poucos, dele se despregando e se transformando em signos arbitrários. Dessa forma, alia a expressividade da palavra à sua gênese corporal. Bakhtin (2012) também nos ajuda a compreender como gestos e palavras estão imbricadas na gênese da capacidade narrativa. As relações comunicativas

entre mães e bebês podem ser consideradas como “atos de fala”, conforme designado por Bakhtin (2012), se considerarmos estes como interações realizadas não somente por palavras, mas por gestos e sons que são nomeados e interpretados dentro de contextos linguísticos e não linguísticos. A mediação semiótica que ocorre na interação entre o adulto e a criança, desde os primeiros dias de vida, é condição fundamental para as relações que se estabelecem entre os componentes biológicos e culturais que marcam os processos de vida humanos. .

Oferecer literatura às crianças desde a mais tenra idade é, pois, colaborar para interações de qualidade e para o seu desenvolvimento cultural, uma vez que nela podemos ver materializadas muitas das nuances do ser humano. Ler para um bebê ou para uma criança pequena se constitui como uma oportunidade para a criação e fortalecimento de vínculos. Colocar o bebê no colo, lhe mostrar imagens, ler e ajudá-lo a conhecer esse texto que se erige entre o verbal e o icônico cria um ambiente de afeto e de profunda interação (BAPTISTA, 2017). Reyes (2010, p. 47) descreve e analisa essa interação denominando-a de "triângulo amoroso" - adulto, livro e leitor. Igualmente, Bonaffé (2008, p. 23) menciona essa mesma condição proporcionada pela leitura envolvendo adultos e crianças como sendo "afetos compartilhados".

As contribuições de Golse (2007) nos ajudam a compreender como a leitura de livros para crianças, desde os primeiros meses de vida, pode constituir-se como uma atividade importante para apoiar sua imersão no universo da cultura. Segundo o autor, existem dois grandes registros de comunicação, o analógico (infraverbal ou pré-linguístico), caracterizado por mensagens de tipo emocional e afetivo (mímicas, gestos, olhares) e o digital (verbal ou linguístico) que se refere predominantemente à transmissão verbal de mensagens do tipo conceitual ou ideativo, por meio de palavras, frases e locuções. Essa noção da inter-relação entre a parte analógica e a digital da comunicação é essencial para a compreensão da entrada do *in-fans* na ordem da linguagem que se dá, de acordo com o psicanalista, não pela parte simbólica e verbal, mas sim pela parte afetiva e pré-verbal. O jogo do afeto e das emoções seria, assim, um processo dinâmico que consagraria um ambiente de partilha de significados o qual Golse (2007) denomina *espaço de narrativa*. Para o autor, o adulto conta, à sua maneira, sua história, enquanto o bebê “conta” ao adulto a história dos seus primeiros encontros interativos ou inter-relacionais. Dessa interação verbal e corporal nasce uma terceira história que tem suas raízes em significações particulares.

As interações estabelecidas entre os bebês e seus cuidadores criam um espaço de narração mútua que guarda com a literatura algumas características: o compartilhamento de histórias e visão de mundo, a hospitalidade, o acesso a intersubjetividade, às linguagens e à simbolização, a descoberta do mundo e do outro como algo parecido, mas não idêntico, o compartilhamento de afetos, o desenvolvimento cognitivo, a escrita de uma outra história em co-autoria e a liberdade de desvios e reviravoltas.

Cabe, finalmente, assinalar que, para que os comportamentos iniciais dos bebês com a experiência literária se perpetuem, é essencial que a linguagem literária seja compreendida como arte. O apreço pela língua e a curiosidade de desvendar seus mistérios precisam se materializar em encontros desinteressados e afetivos com a linguagem. Encontros esses que contribuirão para que as crianças percebam que a linguagem pode servir para regular, dar ordens e satisfazer as necessidades cotidianas. Mas que há também uma linguagem que não está a serviço de nenhuma necessidade imediata, que não exige nada em troca e, por ser assim, nada tem de supérflua e exerce a função determinante de nos humanizar.

REALIDADE, FICCIONALIDADE, JOGO...

A linha tênue que separa o mundo que chamamos real e o mundo da imaginação das crianças é transgredida facilmente pela ficcionalidade proposta pelos livros de literatura. Do ponto de vista das crianças, quanto mais novas, mais intrincada é a relação entre o mundo ficcional e o mundo real. Ainda que não tenhamos clareza acerca da maneira como os bebês vão construindo a relação entre realidade e ficção, isso não é motivo para oferecer a eles somente livros que apresentam a confirmação do mundo em que vivem. Eles precisam também de narrativas que ampliem sua imaginação e sua capacidade de atribuir sentidos. O equilíbrio entre o que a criança pode perceber sozinha e o que ela pode inferir, adivinhar ou imaginar é fundamental para a qualidade literária dos livros para essa faixa etária.

Ficcionalidade e realidade são dois conceitos fundamentais para a presente discussão. Bernardo (2004) afirma que a realidade é apenas mais uma definição que inventamos para tentar organizar e entender o mundo. Assim, a norma do mundo é a ficção, já que o representamos por meio de variadas linguagens. Contudo, os diferentes discursos utilizados para dizer o mundo podem apresentar uma dimensão maior ou menor de ficção. O espectro ficcional abarca intensidades maiores e menores de fantasia, de ilusão e de sonho.

As ideias apresentadas até aqui podem nos fazer supor que tudo seja ficção. Todavia, Bernardo (2010) não nega que seja necessário estabelecer uma referência com o real para que a ficção se construa a partir dele ou contra ele. Sua argumentação é que só podemos ter acesso ao real pela mediação de discursos que elaboram ficções aproximativas da realidade, e que toda a linguagem pode ser, então, percebida como metafórica, já que as palavras não são as coisas que elas designam. Dessa forma, o jogo de faz-de-conta construído pelos discursos humanos nada mais é do que ficções que desempenham o papel do real.

OS LIVROS PARA BEBÊS: ALGUMAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A literatura infantil contemporânea apresenta uma característica multiforme em que muitas linguagens e diferentes discursos se entrecruzam. Deparamo-nos com nomenclaturas variadas para assinalar as obras literárias destinadas ao público infantil: literatura infantil, literatura para a infância, livros infantis, livros para crianças, entre outras, e isso nos instiga a perguntar: esses livros podem ser considerados literatura?

Hunt (2010) lembra que um dos traços característicos da literatura infantil é sua falta de pureza genérica e enfatiza que essa literatura constantemente ultrapassa as fronteiras da cultura erudita e popular. Essa flexibilidade e amplitude do texto literário é ressaltada por Paulino (2009) ao abordar que as linguagens artísticas são jogos oscilantes em que os jogadores olham simultaneamente para frente e para trás. A pesquisadora reforça a inconstância presente na criação literária, mas ao mesmo tempo alerta para o fato de que é preciso ou possível defini-la: “[...] a tradição avança, por isso as regras podem mudar. Mas há regras nesse jogo humano” (PAULINO, 2009, p. 84).

Cosson (2014) salienta que devemos verificar, ao classificar uma obra como sendo literária ou não, é se ela se move em um terreno comum: o espaço literário. Os autores Belmiro & Maciel (2014) discutem o lugar da literatura no entrecruzamento das diversas mídias contemporâneas, indicando, com isso, possibilidades imprevistas de elaboração de linguagens e materiais que enfatizam a dimensão do literário.

Considerando, pois, esse paradoxo que, de um lado, amplia os horizontes da literatura, quase nos fazendo perder de vista seus contornos e, por outro lado, nos obriga a compreender seus limites para definir o que é ou não literatura para bebês é que intentamos criar categorias, norteando, assim, a constituição do nosso *corpus* de análise. A intenção, portanto, foi a de explicitar a diversidade e as potencialidades literárias dos livros produzidos para esse

segmento, destacando, entre as múltiplas propostas interlocutórias existentes no mercado editorial, as que podemos lançar mão para ampliar as experiências estéticas dos bebês. Assim, o *corpus* constituiu-se de produções destinadas a crianças de até dois anos de idade, produzidas por autores brasileiros, bem como publicações estrangeiras traduzidas para a língua portuguesa e/ou estrangeiras não publicadas no Brasil. Buscamos alcançar uma parte significativa da produção destinada aos bebês, embora, evidentemente, não tenhamos abarcado todo o universo de obras produzidas para a infância em termos de literatura infantil.

Explicamos que os livros foram divididos em quatro eixos de análises: materialidade, temática, gênero e conceito da obra, que procuram alcançar a diversidade das publicações para essa faixa etária. É importante ressaltar que algumas das características observadas nos livros para bebês não são exclusividade dessas publicações, podendo ser encontradas em livros para crianças de outras faixas etárias, bem como em obras dedicadas ao público juvenil. É oportuno destacar que os atributos e as particularidades apresentados em determinada categoria podem se somar a outros, em obras que associam mais de um desses aspectos.

EIXOS DE ANÁLISES

Destacamos que foram elencados como eixos de análises a ‘materialidade’ dos livros, no que tange ao: papel, cartonado, pano, plástico, EVA. Além disso, outro eixo de análise foi em relação a ‘temática’ abordada, como por exemplo: fantasia como tradição; o conteúdo como opção; a realidade como aposta. Outro eixo de análise foi em relação ao ‘gênero’ da obra, ou seja, quanto aos conceitos iniciais; abecedários; numerários; parlendas; cantigas; poesias; fábulas; contos de fada; livros infantis contemporâneos; contos populares; etc.

Outro eixo de análises dos livros foi o de ‘conceito da obra’: livros com ilustração, livros ilustrados; livros de imagem; livros-brinquedo; etc. A análise do *corpus* será apresentada, a seguir, de forma contrastiva, por meio da qual destacaremos os graus e as condições em que a linguagem literária se apresenta com o objetivo de explicitar a direção assumida pela autoria: simplificação de leitura versus apuro literário. Para a análise das obras, elegemos algumas das categorias acima mencionadas, considerando a impossibilidade de, neste artigo, abrangermos todas elas.

Tendo como referência os bebês e sua relação com o mundo, consideramos que alguns temas lhes provocam interesse, tais como: a retirada das fraldas, o uso da chupeta, o apego ao paninho, entre outros. Dessa forma, considerando as subcategorias que compõem a categoria

temática acima mencionada, tomamos como referência “A realidade como aposta” para analisar dois livros cuja temática é a retirada da fralda.

O primeiro livro, *Eu já sou grandinho... Não vou usar mais fralda!*, publicado pela editora Todolivro, tem como escritora e ilustradora, respectivamente, María Mañeru e Susana Hoslet Barrios. O livro tem formato quadrado e é cartonado. Os protagonistas são Dani e Ana, irmãos gêmeos que se veem às voltas com a retirada das fraldas. A história é construída com elementos discursivos que se assemelham a um manual de instruções. Há diversas informações objetivas acompanhadas de setas explicativas que ligam o nome de um objeto à sua imagem. É relevante destacar, nas ilustrações (Fig.1), as estereotípias que elas apresentam. Para a menina, de cabelos louros, é reservada a fralda rosa, os laços na cabeça, o penico com flores e corações, as asas e a varinha de fada. Ao menino é concedido o uso da fralda azul, o carrinho para brincar e uma roupa azul e verde. A linguagem e as atitudes das crianças são artificializadas, idealizando uma pressuposta resistência que as crianças teriam de usar o vaso sanitário.

Figura 1 - Imagens do livro *Eu já sou grandinho... não vou usar mais fralda!*



Fonte: <MAÑERO, 2016>.

Dissertando sobre a mesma temática, o livro *O que tem dentro da sua fralda*, de Guido Van Genechten, conta a história de um ratinho muito curioso que mete seu focinho em tudo. O personagem resolveu saber o que tinha dentro das fraldas de seus amigos coelho, cabrita, cachorro, bezerro, potrinho e porquinho e esses, por sua vez, também ficaram curiosos para descobrir o que tinha dentro da fralda do ratinho. A surpresa de ver que estava limpinha, porque ele fazia cocô e xixi no penico, levou todos a usá-lo também (Fig.2).

Figura 2 - Imagens do livro O que tem dentro da sua fralda.



Fonte: <GENECHTEN, 2010>.

As folhas de guarda trazem ilustrações de corações rosa, uma referência às fraldas que os personagens usam independentemente do sexo. Os textos verbais são curtos e usam uma linguagem próxima ao universo infantil, porém, sem artificialismos, diminutivos ou “tatibitates”. As ilustrações são grandes, dando destaque especial aos animais e suas fraldas. Para saber o que tem dentro das fraldas de seus amigos, o ratinho precisa da colaboração dos leitores que carecem de puxar as abas que abrem as fraldas dos animais, revelando o que tem dentro delas. Guido Van Genechten consegue dosar os sentimentos pelos quais as crianças passam, fazendo uso de personagens que vivem os mesmos desafios que elas.

Como podemos observar contrapondo os dois livros, não basta que sejam abordados temas relativos ao universo dos bebês. Tampouco que o livro seja colorido e resistente. É preciso que os textos verbais e as ilustrações empreguem recursos que contribuam para a formação estética do leitor. A dimensão da leitura literária como experiência está na possibilidade oportunizar às crianças de irem além do momento em que ela se realiza. Ao resgatar a experiência individual e coletiva, ao falar dos sentimentos e tratar as linguagens verbal e visual como arte, as dimensões expressivas e estéticas se instalam. E isso é literatura.

Os livros de “Conceitos Iniciais” são aqueles que apresentam figuras simples em cada página, podendo possuir ou não texto verbal (KÜMMERLING-MEIBAUER, 2012). Esses livros auxiliam às crianças a saber que as coisas do mundo têm nomes, que podem ser representadas por diferentes linguagens e a se identificar com situações vivenciais, pois, muitas dessas obras, retratam objetos do contexto imediato dos bebês ou apresentam temáticas como meios de transporte, animais, lugares que ampliam o universo de sentidos e significações das crianças.

As imagens, em sua maioria, não se atêm à proporcionalidade e apresentam-se em perspectiva frontal. As figuras aparecem sobre um fundo monocromático o que evidencia o objeto representado, facilitando o seu reconhecimento pelas crianças. Os livros de Conceitos Iniciais dialogam com as ideias de Bernardo (2005) sobre a ficcionalidade do mundo ao

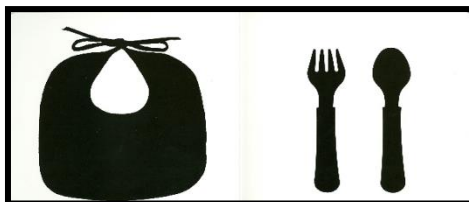
optarem por retratar suas temáticas por meio de desenhos ou fotografias. A opção que o escritor, o ilustrador, o *design* gráfico ou o editor faz para a construção desse gênero textual propicia um espectro de maior ou menor teor literário.

A importância desses livros para a formação do leitor de literatura reside, entre outros aspectos, na presença de códigos visuais e nas possibilidades que conferem à mediação do adulto. Por meio do jogo de “apontar e nomear” que se estabelece entre o bebê e o mediador, durante a leitura dos livros de Conceitos Iniciais, abre-se a possibilidade não apenas para ele aprender a nomear o mundo, mas, também, há o encorajamento para a aquisição de uma gramática visual que será fundamental para as habilidades futuras de leitura de imagens. Por meio desse jogo, estimula-se a construção conjunta de relatos de experiências compartilhadas, condição importante para a formação leitora. Perguntas como: “*O que este bebê está fazendo com o gatinho?*”, “*Olha a banana! Qual fruta você comeu hoje no lanche?*” ou “*Olha o menino chupando picolé! Você já chupou picolé? É geladinho, né?*”, possibilitam as crianças a compreender que existe um tempo da narrativa e que podemos nos referir ao passado no presente.

Visando melhor compreensão da gradação das experiências estéticas encontradas nos livros de Conceitos Iniciais, apresentamos, uma breve análise de alguns livros dessa categoria.

O livro *Black on White*, de Tana Hoban e publicado pela Greenwillow Books, é indicado para bebês de poucos meses de idade por fazer uso de imagens simples sem maiores detalhes. Todos os objetos aparecem em preto sobre um fundo branco (Fig. 3). A opção por esse contraste se alicerça no entendimento de que as crianças menores de seis meses enxergam melhor o contorno das imagens quando estas são construídas sobre a oposição claro e escuro (KÜMMERLING-MEIBAUER, 2012).

Figura 3 - Imagem do livro Black on White.



Fonte: <HOBAN, 1993>.

Mesmo não apresentando texto verbal, o livro abre possibilidades para diferentes formas de discursos. Uma delas é o jogo de apontar e nomear, conforme descrito acima, em que o mediador mostra um objeto da página e o nomeia para a criança: “*Olha só o babador! Igual ao que você usa quando está na hora do almoço. É para não sujar a sua roupa, né?*” “*Aqui*

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 3, p.43-63, Maio/Agosto, 2017. ISSN: 2236-0441
DOI: 10.14572/nuances.v28i3.5275

tem um garfo e uma colher. Hoje você comeu a papinha de banana com a colher, lembra? Estava tão gostosa.... Você comeu tudo! Ficou com o barrigão cheio". Ainda que a criança não se expresse oralmente, ela faz uso de outras linguagens – balbucios, sorrisos, gestos – compartilhando da construção de narrativas, que a inserem dentro de relações espaço-temporais tão necessárias para a construção e para o entendimento do discurso literário.

Outro exemplo de Conceitos Iniciais, mas apresentando novas possibilidades de leitura, é “*Era uma vez... minhas primeiras palavras*”, de Alison Jay. Usando óleo sobre tela e técnica de craquelado, que dá às imagens uma aparência envelhecida, o endereçamento ultrapassa a fronteira das idades, pois *Era uma vez... minhas primeiras palavras* é um passeio que excede a denotação.

Depois de nos determos por alguns instantes na figura do relógio (Fig. 4), como se estivéssemos em um museu apreciando uma obra de arte, podemos observar detalhes que nos levam a outra dimensão interpretativa: à presença formal das imagens é conferida uma dimensão narrativa. No relógio aparecem pintadas cenas das quatro estações do ano, explicitando que o livro é mais que um livro com belas e aleatórias ilustrações. Alison Jay constrói uma narrativa visual em que podemos imaginar um antes e um depois. As quatro ilustrações do relógio, que representam o verão, a primavera, o outono e o inverno, serão os marcadores da passagem do tempo. Além disso, cada ilustração anuncia, em uma perspectiva diferente, o próximo elemento visual. É uma brincadeira de apontar e nomear que está repleta de coisas possíveis à espera de nossa descoberta.

Figura4 - Imagens do livro *Era uma vez... minhas primeiras palavras*.



Fonte: AY, 2010.

Fonte: <Editora Girassol, 2012>.

O livro, de Toni e Laíse, *Tem bicho que sabe...*, faz parte da Coleção “*Tem bicho que...*”. A princípio, pode ser tomado como um exemplar informativo. Entretanto, sua proposta vai mais longe. Ele discorre sobre as diferentes características existentes entre os animais e, metaforicamente, trata da diversidade humana. Tendo como temática os animais, as

ilustrações se espriam por toda a página dupla, sangrando as margens do livro. A ausência de moldura transmite a ideia de que essa representação é uma parte do mundo. Podemos ainda considerar, em especial nessa obra, o alto grau de espetacularização, devido à tomada em primeiro plano e ao preenchimento integral da página dupla. O texto verbal é “semantizado” na página e especifica uma característica do animal. As ilustrações (Fig.5) foram feitas com pinceladas de tinta guache sobre papel preto. A proposta dos autores cria um jogo de adivinhação e revelação para a criança, a qual poderá comprovar suas hipóteses conferindo, no glossário, na última página, as imagens e os nomes dos bichos do livro. Na penúltima página, há algumas ideias sobre como as crianças podem explorar o livro. Vale a pena destacar que as propostas ultrapassam sugestões que buscam apenas a identificação dos bichos ao trazerem atividades mais interativas.

Figura 5 - Imagens do livro Tem bicho que sabe.



Fonte: <TONI, LAÍS, 2013>.

Em relação à apresentação das cores para as crianças, o *Livrinho das Cores*, da editora Girassol (Fig.6), faz parte de uma coleção de títulos que tem como objetivo familiarizar os bebês com as letras do alfabeto, os opostos, os animais, os números e os meios de transporte. Os livros vêm numa sacola e os títulos com expressões no diminutivo remetem ao seu pequeno tamanho: 9 cm x 9 cm. São cartonados e as imagens são fotografias de objetos reais.

No que diz respeito ao *Livrinho das Cores*, objetos, animais ou alimentos são escolhidos e relacionados aleatoriamente. Na margem superior, apresenta-se o nome do objeto e, na margem inferior, o nome da cor representada. Esses elementos conferem à produção um caráter pedagógico, cujo objetivo principal é ensinar as cores e, quem sabe, a grafia das palavras. Essas características conformam a publicação de um livro informativo.

Figura 6 - Imagens do livro Livrinho das cores.

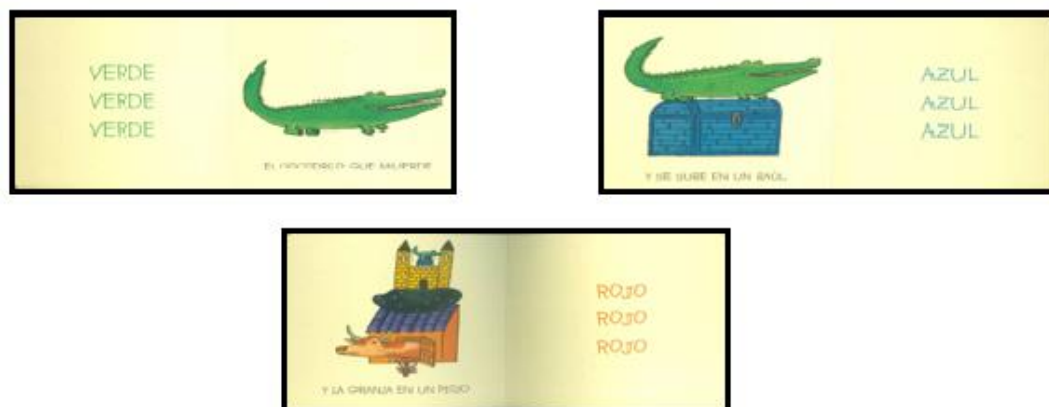


Fonte: <GIRASSOL, 2012>.

Veiculando a mesma temática das cores, porém apresentando uma proposta diferente, temos o livro *Cocodrilo* da editora Kalandraka (Fig.7). Ele faz parte da coleção "De la cuna a la luna" que tem mais quatro títulos editados: *Luna*, *Pajarita de papel*, *Del uno al cinco* e *Miau*. Escrito por Antonio Rubio e ilustrado por Óscar Villán, *Cocodrilo* traz uma brincadeira rítmica com as palavras e é construído com uma estrutura acumulativa em que a cada página um novo elemento aparece. Esse tipo de estrutura textual agrada muito aos bebês porque eles não só podem memorizar o texto como também antecipar a próxima imagem que vai aparecer. O poema inicia-se com "[...] um cocodrilo verde, verde, verde... que muerde... que sobe em um baúl... azul, azul, azul... que sobe em um castillo... amarillo, amarillo, amarillo [...]" (RUBIO Y BILÁN, 2015, p. 2-4) Assim, novos personagens vão aparecendo e subindo uns nos outros até que "[...] um piojo... rojo, rojo, rojo [...]" segura a todos. (RUBIO Y BILÁN, 2015, p. 14). Esse final subverte as expectativas do leitor e pode propicia muitas gargalhadas.

O texto de Antonio Rubio traz para as crianças uma provocação estética que as faz brincar com a sonoridade das palavras. Já as imagens de Óscar Villán libertam o livro de seu utilitarismo imediato, abrindo-se para outras interpretações. *Cocodrilo* é um livro de literatura dedicado aos bebês que pode, dentre muitas outras coisas, ensinar as cores.

Figura 7 - Imagens do livro Cocodrilo.



Fonte: <RUBIO Y VILLÁN, 2015>.

Ainda é cedo para que os bebês saibam que “Era uma vez” é uma expressão linguística que convida o leitor a penetrar em uma outra dimensão de tempo e espaço. Contudo, isso não pode ser de forma alguma uma interdição para que eles tenham contado com os contos maravilhosos. Existem hoje no mercado uma diversidade de versões dos contos de fadas, o que possibilita sua adequação para as diferentes faixas etárias. Mesmo tendo clareza do que Nodelman (2001) nos fala sobre o escalonamento etário, que nós adultos fazemos das produções dirigidas às crianças, é preciso lembrar que há obras que exigem competências de leitura ainda não apropriadas pelos bebês. Ao escolhermos livros de contos de fadas para crianças de até dois anos de idade, devemos nos pautar no que Vigotski (2009) conceituou como zona de desenvolvimento iminente. Nem oferecer às crianças livros simplórios, óbvios e contaminados por estereótipos, quer no texto verbal quanto nas imagens, incapazes de despertar a curiosidade e o interesse das crianças, nem tampouco livros que exijam um grau de maior conhecimento para atribuir sentidos ou sensibilizá-las do ponto de vista estético.

Trazemos para discussão duas versões da história *Chapeuzinho Vermelho* com a finalidade de evidenciar aspectos relativos às dimensões estéticas das linguagens verbal e visual e também o tratamento dado ao seu projeto gráfico.

O primeiro livro é uma publicação da editora Girassol e faz parte da coleção “*Clássicos do mundo*”. Um dos primeiros aspectos que percebemos, ao iniciarmos a leitura do livro, é o tratamento dado ao enredo. A história sofre cortes importantes que prejudicam as ações e os pensamentos dos personagens. Essa opção pela simplificação do enredo, feita de forma inadequada, reduz a possibilidade de interação do leitor e compromete a construção de sentidos. Além disso, o texto verbal sempre aparece deslocado para a parte direita ou esquerda da página e é demarcado por um fundo branco. Essa opção do projeto gráfico de portar as informações referentes às ilustrações (Fig.8) em páginas separadas pode influenciar na compreensão da narrativa pelos pequenos leitores, uma vez que as imagens os auxiliam na atribuição de sentidos. Por outro lado, as ilustrações referentes a cada fragmento do texto verbal não apresentam uma solução espacial que nos permita identificar com precisão se elas foram elaboradas em página dupla ou em páginas separadas.

Ressalta-se, ainda, que as ilustrações lembram as produções de *Walt Disney* e criam uma imagem modelar dos personagens. O lobo, por exemplo, nos remete à figura da Fera, do filme *a Bela e a Fera*, de *Walt Disney*. Na última página, as ilustrações de passarinhos e de um coelho são muito parecidas com as que aparecem nos filmes *Cinderela* e *Bambi*, também

de *Walt Disney*. Essas imagens estão vinculadas a um modelo pré-existente, midiático e de consumo e respondem a uma intenção de reconhecimento imediato, levando-nos a pensar que tais produções se assemelhem mais a negócios e mercadorias do que à literatura (Fig. 8).

Figura 8 - Imagens do livro *Chapeuzinho Vermelho*.



Fonte: <GIRASSOL EDIÇÕES, 2015>.

À diferença da produção anterior, a edição da Cia. das Letrinhas apresenta um livro cartonado, com texturas variadas que propiciam às crianças uma experiência tátil. O texto verbal traz marcadores textuais que caracterizam os contos de fadas, como “Era uma Vez”, “Um dia” e um enredo não fragmentado. As ilustrações de Christian Guibbaud (Fig. 9) se caracterizam pela simplicidade, as cenas não apresentam muitos elementos, deixando em evidência os personagens da história, o que direciona o olhar do bebê para as figuras essenciais da narrativa.

Figura 9 - Imagens do livro *Chapeuzinho Vermelho*.



Fonte: <GUIBBAUD, 2012>.

A figura da *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, não apresenta proporcionalidade entre a cabeça e o restante do corpo, o que confere à ilustração uma expressividade original e atesta a variedade de efeitos plásticos que podem ser utilizados para organizar a cena. Essa composição visual evidencia o gorro vermelho, que é uma das principais características da história e que propicia o fácil reconhecimento por parte dos bebês. O Lobo subverte os padrões realistas e é colorido de azul. Suas formas também são desproporcionais, chamando grande atenção o seu focinho desenhado de maneira tubular. Mesmo economizando nos traçados, Guibbaud consegue dar expressão aos rostos dos personagens. Em uma única cena e

usando poucos elementos, o ilustrador consegue colocar uma sequência narrativa inteira - saída de casa, entrada na floresta, encontro com o lobo -, aumentando a tensão do texto verbal: a menina está saindo de seu ambiente familiar e indo ao encontro do desconhecido. O mesmo acontece quando Chapeuzinho Vermelho chega à casa da vovó e toca a campainha: temos uma primeira cena. Entretanto, quando mexemos a aba *pop up* e abrimos a porta da casa, o tempo flui, anunciando que este já é outro acontecimento. Diversos recursos visuais e multimodais são usados para dar materialidade à história.

Inserido na categoria “Conceito da obra”, o Livro-brinquedo é um dos exemplos. De acordo com Paiva (2013), o caráter performático, tátil, sonoro, estético desse tipo de livro, bem como outros recursos gráficos e editoriais convocam o leitor a ler brincando. Assim, o termo é aplicado, segundo a autora, a livros que solicitam do leitor o manuseio direto e que dão abertura para jogos imaginativos e passeios sensoriais e visuais. Os livros-brinquedo abarcam uma variedade de temáticas e, segundo a autora, podem conter um apelo mais mecanicista, por enfatizar a destreza manual e auditiva em detrimento da exploração plástica e verbal. Por outro lado, encontram-se produções que, ao aliar a acessibilidade das suas formas, jogos e ludicidade a uma qualidade literária, podem contribuir para o gosto pelos livros, fomentar a apreciação e estimular a prática da leitura (PAIVA, 2014).

A coleção “*Clássicos Dominó*” da editora Todolivro, exemplifica os livros-brinquedo que não apresentam uma proposta sinestésica aos leitores. Os volumes dessa coleção trazem quatro contos de fadas clássicos: *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e o pé de feijão* e *Os três porquinhos* (Fig.10). Todos os livros são acompanhados de um jogo de dominó, colocado em destaque na capa, com cenas da história. Todavia, o dominó não passa de um adereço à parte que pode, entre outras coisas, aumentar o poder de vendas desses exemplares. Esse pode ser um chamariz eficaz para pais, professores, mediadores de leitura e bibliotecários que, apesar de pretenderem oferecer o que há de melhor em matéria de livros, desconhecem que um dos principais objetivos da literatura é ampliar as experiências estéticas das crianças.

Figura 10 - Imagens do livro Os três Porquinhos



Fonte: <TODOLIVRO, 2015>.

Em contrapartida, o livro *Tirar & Pôr*, de Lucie Félix e da editora Orfeu Negro é um exemplo de livro-brinquedo que não apenas apela para a destreza manual das crianças, mas também propõe um interessante jogo de sentidos (Fig. 11).

Figura 11 - Imagens do livro Tirar & Pôr

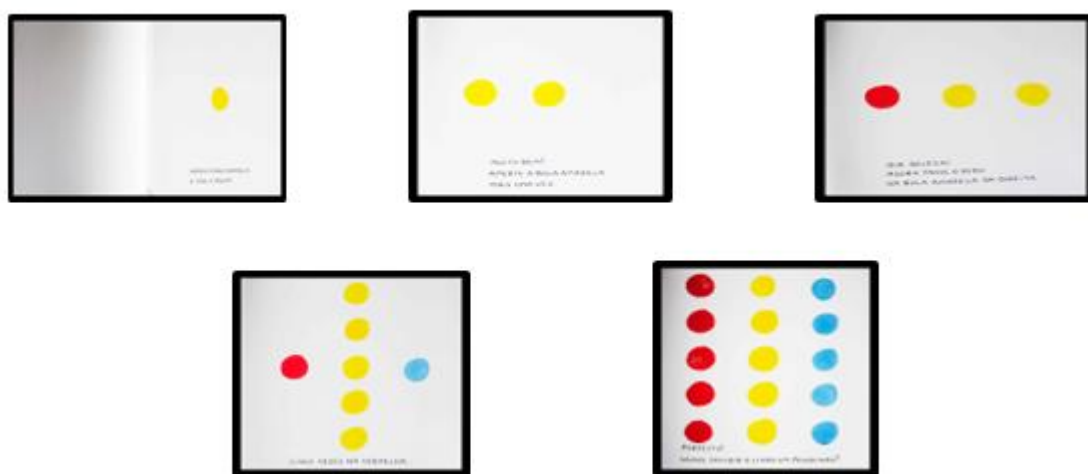


Fonte:< FÉLIX, 2015>.

A autora brinca com as formas geométricas em um *livro-puzzle* e nos ajuda a construir, metaforicamente, a ideia de que a vida é feita de ações opostas que se complementam. São as peças que se encaixam e desencaixam. A sugestão de ler e brincar é feita a partir de cartões retirados da imagem que se apresenta na página da direita, os quais, depois de virada a página, são inseridos na figura que se mostra na página da esquerda. Ao encaixar a peça no lugar certo, o leitor já tem à sua frente mais uma solicitação para continuar o jogo. Quando o leitor chega à última página, Lucie Félix (2015) propõe uma viagem de regresso em que as mesmas peças se encaixam, mas criam uma nova leitura. Nesse livro, a autora subverte a ideia linear da leitura, que se dá da esquerda para a direita e de cima para baixo, brincando com a espacialidade do objeto.

O artista francês Hervé Tullet também tem se dedicado a criar títulos para as crianças que desafiam nossas concepções sobre o livro de literatura infantil. Em tempos de *laptops*, *tablets*, *e-books*, *iPads* e outras tecnologias em que a literatura circula, o autor cria um faz-de-conta "tecnológico": *Aperte aqui*, publicado pela editora Ática. Com ilustrações de bolas coloridas (Fig.12) que simulam botões, o artista constrói uma brincadeira em que os leitores têm que executar alguns comandos para continuar a passar as páginas do livro, introduzindo o leitor na mágica do ilusionismo. Além dos “cliques”, o leitor é convidado a sacudir, soprar, virar e revirar o livro, a bater palmas para ver as bolas coloridas se movimentarem pelas páginas. Os textos verbais são curtos e instrucionais. Esse livro de Tullet, assim como a maioria de suas obras, afirma o espaço e o status da imagem nos livros infantis contemporâneos, pois é ela a protagonista da brincadeira.

Figura 12 - Imagens do livro Aperte aqui!



Fonte: <TULLET, 2014. 1>.

Aperte aqui não é apenas uma brincadeira em formato de livro. Quando Tullet (2014) propõe seu "faz-de-conta tecnológico", ele está dizendo às crianças que existem discursos imaginários deliberados. Sua ousadia nos convoca a refletir sobre o universo dos discursos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Restituindo aos bebês seu lugar de sujeito e autor no e do mundo no qual se encontram inseridos, não os considerando mais como lactantes que interagem passivamente com os eventos e objetos do seu entorno e não mais os enxergando como um objeto desvinculado de contextos vivenciais, resta-nos oferecer-lhes uma literatura que lhes possibilite a construção de modos singulares de ser e estar no mundo.

A análise dos livros para bebês nos fez confirmar que há distintas formas de abordar um mesmo tema e que existem diferentes camadas discursivas, umas mais superficiais e outras mais profundas, essa profundidade que nos permite compreender o teor literário dessas obras.

Existe uma literatura para bebês que propicia o enriquecimento de seus textos internos para que sua bagagem não seja feita só por conteúdos moralizantes, didatizantes e massificados. Livros nos quais as palavras, as imagens, os sons, os cheiros e as sensações táteis são uma imersão afetiva dentro da própria cultura. Livros que resultam em portas abertas para outras realidades possíveis e outros vínculos entre os seres humanos. Uma literatura que possibilita uma palavra feito corpo.

THE FICTIONAL TEXT AND THE LITERARY EXPERIENCE OF BABIES

ABSTRACT: This text investigates different levels of reading that literary language allows in books aimed at children from zero to two years. It considers babies as producers of culture and who, by exchanging experiences with others and with the environment, construct their own singularities. Children create other worlds in other times and spaces. However, this much-needed abstraction, which is characteristic of fictional text, is not yet guaranteed in works for this age range, which involves singular differences in publications for this readership. What characteristics do these works have that classify them as appropriate for children from zero to two years? Can these books be labeled literary? Benjamin (2012), Vigotski (2009), and Golse (2007) help us to understand the relationships between reading and affective and cognitive experiences in this age range. Bernardo (2004; 2010) restructures the concept of literature, a vital attitude for the apprehension of the plurality of current productions. Hunt (2010) broaden this concept and help to configure the specificities of literary texts targeting children. The *corpus* of analysis was selected from a private collection and covered a diversity of productions for this age range. The following categories were addressed: materiality, theme, genre, concept of the work. The results indicate that it is possible to classify books for infants as literary. Even though many publications aimed at this age range do not present a narrative structure, they do have signs of fracture with 'the real' and a fictional exercise capable of creating tensions of the most varied colors and tones.

KEYWORDS: Children's literature. Children. Childhood education. Children's book. Quality assessment.

EL TEXTO FICCIONAL Y LA EXPERIENCIA LITERARIA DE LOS BEBÉS

RESUMEN: Este texto investiga los diferentes niveles de lectura posibilitados por el lenguaje literario en libros dirigidos a niños de cero a dos años. Considera los bebés como sujetos productores de cultura, que construyen sus singularidades intercambiando experiencias con los otros y con el medio. Los niños crean mundos en otros tiempos y espacios, y esa abstracción tan necesaria, característica del texto ficcional, ni siempre aparece en obras dirigidas a ese grupo etario, lo que produce diferencias específicas en las publicaciones dirigidas a ese público. Así, se pregunta: ¿Qué características hacen que las obras sean clasificadas como dirigidas a ese grupo? ¿Podrían estos libros considerarse literarios? Las perspectivas teóricas de Benjamin (2012), Vigotski (2009) y Golse (2007) ayudan a comprender las relaciones entre lectura y experiencias afectivas y cognitivas en ese grupo etario. Bernardo (2004;2010) repiensa el concepto de literatura, actitud fundamental para la aprehensión de la pluralidad de las producciones actuales. Hunt (2010) lo amplía, auxiliando en la configuración de las especificidades de los textos literarios dirigidos a los niños. El *corpus* de análisis fue seleccionado a partir de un acervo particular y buscó abarcar la diversidad de producciones para ese grupo etario. Las siguientes categorías fueron levantadas: materialidad, temática, género, concepto de la obra. Los resultados indican que es posible clasificar libros de bebés como literarios aunque muchas publicaciones dirigidas a ese público no cuenten con una estructura narrativa, sino con indicios de quiebre con lo real y un ejercicio ficcional capaz de crear tensiones de distintos niveles.

PALABRAS CLAVE: Literatura infantil. Niños. Guarderías. Libro infantil. Evaluación de calidad.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia de linguagem*. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

BAPTISTA, M. A leitura, a literatura infantil e os bebês. In: LIMA, E.; FARIAS, F. & LOPES, R. (Org.). *As crianças e os livros: Reflexões sobre a leitura na primeira infância*. No prelo.

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BELMIRO, C. A.; MACIEL, F. I. P. Onde a literatura? Onde os leitores? Onde a leitura? In: BELMIRO, C. A. et al. (Org.). *Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BENJAMIN, W. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2012.

BERNARDO, G. A qualidade da Invenção. In: OLIVEIRA, I. (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

_____. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

- BONNAFÉ, M. *Los libros, eso es bueno para los bebés*. México: Océano Travesía, 2008.
- COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- GALVÃO, C. de S. L. *Existe uma literatura para bebês?* 2016. Dissertação (Mestrado acadêmico em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.
- GOLSE, B. *O ser bebê*. Lisboa: Climepsi, 2007.
- HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- KÜMMERLING-MEIBAUER, B. *Emergency literacy: children's books from 0 to 3*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.
- NODELMAN, P. Todos somos Censores. Un encuentro con la crítica y los libros para niños. In: BELLORÍN, B. y CASTILLO, M. F. P. Caracas, Banco del Libro, 2001. Colección Parapara Clave. Disponível em: <https://goo.gl/VvKRM1>. Acesso em: 06 de julho de 2017.
- PAIVA, A. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (Org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- PAIVA, A. P. M. *Um livro pode ser tudo e nada: especificidades da linguagem do livro-brinquedo*. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- PAIVA, A. P. M. de. Livro-brinquedo. In: FRADE, I. C. A. da S; VAL, M. G. C; BREGUNCI, M. G. de C. *Glossário CEALE*. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2014. Disponível em <https://goo.gl/EtdU7M>. Acesso em 20 de julho de 2017.
- PAULINO, G. Diversidade de narrativas. In: PAIVA, A. et al (Org.). *No fim do século: a diversidade*. O Jogo do Livro Infantil e Juvenil. Autêntica, 2003, p. 39-48.
- PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In.: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. [Org.]. *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.
- REYES, Y. *A casa imaginária*. Leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: ensaio pedagógico: livro para professores*. São Paulo: Ática, 2009.
- CHAPEUZINHO Vermelho. Coleção Clássicos do Mundo. São Paulo: Editora Girassol Edições, 2015.

FÉLIX, L. *Tirar e por*. Lisboa: Ofeu Negro, 2015.

GENECHTEN, G. V. *O que tem dentro da sua fralda*. São Paulo: Brinque Book, 2010.

GUIBBAUD, C. *Chapeuzinho Vermelho*. Tradução de Júlia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012. (Coleção Para ler e tocar).

HOBAN, T. *Black on White*. EUA: Harper USA, 1993.

JAY, A. *Era uma vez... Minhas primeiras palavras*. Tradução de Pétula Lemos. São Paulo: Lemos Editorial, 2012.

MAÑERU, M.; HOSLET, S.; *Eu já sou grandinho...* Não vou usar mais fralda. Blumenau: Todolivro Editora, 2016.

MARQUES, C. *Branca de Neve*. Ilustrações de Belli Studio. Blumenau: Todolivro Editora, [s.d.]. (Coleção Clássicos dominó).

_____. *Chapeuzinho Vermelho*. Ilustrações de Belli Studio. Blumenau: Todolivro Editora, [s.d.]. (Coleção Clássicos dominó).

_____. *Os três porquinhos*. Ilustrações de Belli Studio. Blumenau, SC: Todolivro Editora, [s.d.]. (Coleção Clássicos dominó).

MEU livrinho das cores. São Paulo: Editora Girassol, 2012.

RUBIO, A. & VILLÁN, O. *Cocodrilo*. Sevilla: Kalandraka, 2015.

TONI & LAÍSE. *Tem bicho que sabe*. São Paulo: Editora Bamboozinho, 2013.

TULLET, H. *Aperte aqui*. São Paulo: Ática, 2012.

Recebido em março de 2016

Aprovado em julho de 2017